

PREPOSIÇÕES LIGADAS A VERBOS NA FALA DE UMA CRIANÇA EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E DE DOIS SUJEITOS AGRAMÁTICOS EM PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DE LINGUAGEM OU “EU E VOCÊ? DIFERENTE.”

Lou-Ann KLEPPA

Resumo: Esta tese situa-se na área de Neurolingüística, buscando dialogar com a área da Aquisição de Linguagem. Seu ponto de partida é a hipótese do *espelho invertido*, proposta por Roman Jakobson ([1956] 1971), que prevê que os primeiros elementos lingüísticos adquiridos por uma criança serão os últimos sujeitos à dissolução na fala do sujeito afásico. O objeto de estudo desta pesquisa é a preposição ligada a verbos na fala de uma criança (R) em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos afásicos com agramatismo (MS e OJ) em processo de reconstrução de linguagem. Não se tem notícia de outros estudos que tomem a preposição como ponto de articulação para o contraste da fala de crianças e sujeitos afásicos. Foram examinados dados longitudinais, dialógicos e de fala espontânea de R, MS e OJ e dados dialógicos dos sujeitos afásicos, coletados em situações experimentais. Estes dados, de naturezas diferentes, foram examinados separadamente, para que fosse possível contrastar o funcionamento da preposição (i) na fala da criança *versus* dos sujeitos afásicos quando envolvidos numa mesma situação dialógica: a conversa informal; (ii) e na fala dos sujeitos afásicos em diferentes situações dialógicas: conversa informal *versus* situações experimentais. Os resultados obtidos indicam que a classificação das preposições mais adequada é a proposta pela Hipótese da Gramaticalização, já adotada em Kleppa (2005a) para dispor as preposições num *continuum* de diferentes graus de gramaticalização. Assim, questões de frequência, distribuição, forma e sentido da preposição determinam seu uso na fala da criança e dos sujeitos afásicos. Os resultados também indicam que a diferença de uso de preposições na fala da criança *versus* sujeitos afásicos, e dos sujeitos afásicos em conversas espontâneas *versus* situações experimentais é quantitativa, não qualitativa. Contudo, a maior diferença encontrada diz respeito ao estatuto de sujeito falante da criança e do sujeito afásico. A partir da análise de dados podemos dizer que a criança e os sujeitos afásicos movimentam-se na mesma língua, mas estabelecem diferentes (e incomparáveis) relações com ela. No âmbito da Neurolingüística, a Teoria da Adaptação orienta esta pesquisa, ao passo que no âmbito da Aquisição de Linguagem, a teorização de De Lemos ilumina algumas questões pontuais. Davidson, com seu estudo sobre malapropismos, apresenta uma visão interessante do ato comunicativo/interpretativo e assim chegamos a diferentes concepções de *língua*, *falante* e *fala* daquelas adotadas nos estudos correntes sobre preposições, fala de criança ou afásico.

Abstract: *This thesis was developed within the field of Neurolinguistics and aims some possible dialogue with the field of Language Acquisition. The starting point for this study is the inverted mirror hypothesis, posed by Roman Jakobson ([1956] 1971), predicting that the first linguistic elements acquired by the child will be the last ones dissolved in the speech of aphasic speakers. The object of this study is the preposition linked to verbs in the speech of one child (R) in the process of language acquisition and two agrammatic speakers (MS and OJ) in the process of language reconstruction. As far as we know, there are no other studies taking the preposition as an articulation point for the contrast between child and aphasic speech. Longitudinal, dialogical data were examined from both the child and the aphasic speakers: R provides spontaneous speech data, while MS and OJ provide as well spontaneous as elicited speech. These data, different by nature, were examined separately in order to allow the contrast of prepositions functioning (i) in the speech of the child versus the speech of agrammatic speakers when involved in the same dialogical context: informal conversation; (ii) and in the speech of agrammatic subjects in different conversational situations: informal conversation versus experimental situations. The results obtained indicate that the best classification of prepositions is the one offered by the Grammaticalization Hypothesis, arraying them in a synchronic continuum of different degrees of grammaticalization, as was done in Kleppa (2005a). Thus, issues concerning frequency, distribution, form and meaning of the prepositions determine their use in the speech of children and agrammatic subjects. Our results also indicate that the differences between the use of prepositions in child and aphasic speech in informal conversations are quantitative, not qualitative. The greatest difference, however, is related to the position of the speaker towards (his) language. The analysis shows that both the child and the aphasic speakers move within their language according to the possibilities given by the language, but the relations they establish with this language are not comparable. Within Neurolinguistics, the Adaptation Theory guides this research, while the theory developed by De Lemos comes to illuminate some specific points of debate concerning language acquisition. Davidson, with his study on malapropisms, presents an alternative view of the communicative/interpretive act, and thus we reach different conceptions of language, speaker and speech from those assumed in current studies about prepositions, child and agrammatic speech.*

I. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa inscreve-se na área de Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva (ver Coudry, [1988]¹ 1996), como é praticada no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), situado

¹ A primeira data refere-se à data de publicação, a segunda à edição usada como referência.

no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por ser peculiar, consideramos que precisa ser apresentada.

A abordagem enunciativo-discursiva diferencia-se dos modelos correntes de afasia num aspecto fundamental: não toma a linguagem do sujeito afásico como evidência de (in)competência lingüística, nem como objeto de conhecimento. Dessarte, não avalia a linguagem dos sujeitos cérebro-lesados através de uma metodologia quantitativa centrada em testes de linguagem. Não chegamos, portanto, ao rótulo *afásico de Broca* para os dois sujeitos que participaram do levantamento de dados para esta tese. Para detectar as dificuldades lingüísticas dos sujeitos afásicos, privilegiamos a análise de diálogos em que estiveram envolvidos e observamos seu comportamento lingüístico². Notamos que MS e OJ não demonstram dificuldades de compreensão da fala de seus interlocutores, mas produzem poucas sentenças completas e muitas orações reduzidas (*small clauses*) num tempo de fala mais prolongado que ‘o normal’, ou seja, podemos considerá-los *não-fluentes*. A preferência por este tipo de sentenças simplificadas, que chamamos de *fala reduzida*, aliada à não-fluência são padrões característicos do que a Teoria da Adaptação chama de *agramatismo*.

2. OS SUJEITOS

R Os dados de fala infantil são de carácter longitudinal, e foram selecionados pela autora entre 2003 e 2005. Concernem uma criança campineira identificada por R que foi gravada dos 1;02.11 (leia-se: anos; meses; dias) aos 4;10.06 de idade. As transcrições dos dados de R foram selecionadas no banco de dados do CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio), situado no IEL/UNICAMP. Os dados de R integram o Projeto Aquisição de Linguagem, desenvolvido no

² Mesmo correndo o risco de soar behaviorista (não é o caso!), insistimos em analisar o *comportamento* lingüístico de MS e OJ, porque consideramos que seja mais abrangente que a *produção* lingüística destes sujeitos, já que o termo *comportamento* engloba também aspectos da compreensão lingüística.

IEL/UNICAMP a partir de 1977, e esta criança foi escolhida porque é a que tem o maior número de dados transcritos. Nossos dados se referem a todos os episódios em que há preposições ligadas a verbos na fala de R, gravada neste período. As sessões eram mensais ou semanais, com duração de meia hora, em média. R foi gravada em interações com sua mãe e eventuais outros participantes (sua irmã, o pai, amiguinhos ou a faxineira) em situações familiares (brincando, à mesa, contando estórias). Todos os dados de R são de fala espontânea. Não aplicamos nenhum teste metalingüístico com esta criança: R é hoje mais velha que a autora desta tese. Tivemos acesso apenas às transcrições dos dados de R, não às gravações em áudio ou vídeo.

MS Em 2006, MS foi gravado em sete sessões, cada uma com duração aproximada de uma hora (24 de março, 05 de abril, 19 de abril, 26 de abril, 10 de maio, 07 de junho e 29 de junho). MS foi vítima de um AVC isquêmico em 2002 e tinha 60 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (quatro anos *post-onset*). Tomando como referência o momento em que foi entrevistado pela primeira vez, participava das atividades do CCA fazia dois anos. Ele apresenta ‘fala telegráfica’ e anomia, além de hemiplegia à direita. A maioria dos empregos que teve antes do derrame eram fortemente ligados à produção de linguagem: trabalhou como ator de teatro, professor de inglês em cursinho preparatório para o Vestibular, diretor de um programa televisivo, guia turístico no Paraguai e jornalista no Reino Unido. É graduado em Letras e lê frequentemente.

MS não gosta de sua grafia (era destro e escreve com a mão esquerda desde o AVC) e passou a usar o computador (desde então) para escrever. Ele tem consciência de suas dificuldades de linguagem e demonstra uma atitude positiva em relação a elas: gosta de interagir através da linguagem, usa gestos, entonação, música e expressões corporais (não só faciais) ao invés de palavras, encanta-se com as palavras de outras línguas que

usa nos experimentos e quer uma explicação para o fenômeno, ocasionalmente procura por palavras de baixa frequência e preza pela norma culta, escreve sinopses de filmes que viu no cinema, informando assim sua avaliação sobre eles.

OJ OJ foi gravado em duas sessões individuais (15 e 29 de agosto de 2006) com duração de aproximadamente uma hora e meia com Ilk e Irn. Trechos de diálogos em que OJ interage nas sessões de grupo foram retirados de sessões gravadas em 15 de agosto, 26 de setembro, 17 de outubro e 12 de dezembro de 2006, além de 27 de março de 2007 e 19 de maio de 2008. Estes trechos têm duração superior a três minutos, para que se tenha como *corpus* de análise uma interação que minimamente apresenta suas características dialógicas. OJ tinha 55 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (13 anos *post-onset*) e tinha sido vítima de um AVC isquêmico em 1993. Segundo ele, não falou uma palavra durante os primeiros seis anos após o episódio neurológico, e apenas produzia ‘pápápá’. Ele apresenta ‘fala telegráfica’ e anomia, além de hemiplegia à direita. OJ havia recentemente iniciado sua participação nas atividades do CCA, portanto ainda não estava familiarizado com o local ou as pessoas que nele trabalham. Antes do derrame, OJ trabalhava como vendedor de peças de televisão para lojas especializadas. Diferentemente de MS, OJ não teve ensino superior, tem dificuldade para ler (mal distingue letras isoladas) e escrever e apenas fala português. OJ julga ter problemas de memória, não de linguagem. Quando lhe falta uma palavra, freqüentemente aponta para a t ê m p o r a e diz: *cabeça, cabeça* ou *memória*. Em vários momentos OJ diz que resolve situações (como por exemplo se perder em algum lugar) *conversando, conversando, conversando*.

3. TEORIA DA ADAPTAÇÃO

A grande diferença entre abordagens tradicionais e a Teoria da Adaptação é que, nesta última, a fala agramática não é vista como um sintoma da lesão cerebral, mas sim como uma estratégia adap-

tativa que o falante agramático encontrou para contornar o seu problema de linguagem. Nas palavras de Kolk & Van Grunsven (1985: 373): “So the theory that follows is not a theory of the impairment but of the way the patient adapts to his impairment.”

Produzir sentenças completas demandaria muito tempo, de modo que o interlocutor do sujeito afásico ou completaria as suas sentenças, falando por ele, ou simplesmente desistiria da conversa. Como o falante agramático precisa de mais tempo que um falante não-afásico para encontrar e articular as palavras que quer produzir e tem consciência dessa pressão temporal a que está submetido numa situação interativa, ele planeja uma fala sintaticamente simplificada. Esta fala simplificada é chamada de *fala telegráfica* ou *fala elíptica*, mas que preferimos chamar de *fala reduzida*.

O que a Teoria da Adaptação chama de *fala elíptica* aparece na fala de sujeitos com agramatismo em decorrência de um certo tipo de monitoramento da própria fala. Afásicos com agramatismo têm consciência de suas dificuldades de produção de linguagem e realizam dois tipos de correção à própria fala, que fazem aumentar o seu tempo de fala. Segundo Kolk & Van Grunsven (1985) e Kolk & Heeschen (1996), estas estratégias são:

preventiva (as pausas indicam que estão se esforçando para encontrar a palavra mais adequada) e

corretiva (as interrupções e correções da própria fala indicam que estão reformulando suas escolhas lexicais).

Neste sentido, o *agramatismo* é caracterizado como uma *fala elíptica num tempo de fala maior*. Para a Teoria da Adaptação, a fala elíptica é o resultado de um planejamento de sentenças simplificadas (ou incompletas), com uma característica marcante: é não-finita (*nonfinite*). Há dois modos de não marcar finitude: ou não há verbos nas sentenças, ou não há marcas de finitude nos verbos, de modo que aparecem formas verbais no infinitivo, particípio, gerúndio ou imperativo.

O agramatismo, relacionado então com fatores de tempo e monitoramento, é considerado um *fenômeno variável* na abordagem da Teoria da Adaptação. Quando submetidos a uma situação de teste (ver principalmente Hofstede, 1992 e Kolk & Hofstede,

1994), em que é solicitado que produzam sentenças completas e lhes é dado tempo suficiente, os sujeitos agramáticos estudados pelos pesquisadores que desenvolveram a Teoria da Adaptação são capazes de produzir os elementos lingüísticos que estão ausentes em sua fala espontânea (verbos flexionados e elementos funcionais). Neste caso de situação de teste, então, o falante agramático opta por não se adaptar às suas dificuldades, na mesma medida em que um adolescente opta por não usar gírias quando conversa com um policial. A fala elíptica é encarada como uma questão de opção que o sujeito faz. A possibilidade de opção é dada pela capacidade metalingüística do sujeito e pelo domínio de outras variantes lingüísticas. De fato, um sujeito que tem agramatismo leve e faz questão de não soar afásico, pode manter sua linguagem como era antes do episódio neurológico, produzindo sentenças longas e complexas, mas precisará de mais tempo para produzi-las (ver principalmente Kolk *et al.*, 1985 e Kolk 2007). Dependendo do grau de severidade do agramatismo, o sujeito não tem muita escolha entre adaptar ou não: sujeitos com agramatismo severo recorrem à fala elíptica porque não teriam condições de executar as computações sintáticas simultâneas necessárias para a formação de sentenças completas num tempo de fala aceitável para o interlocutor.

4. PREPOSIÇÕES LIGADAS A VERBOS

No presente trabalho, usamos um outro critério de categorização das preposições que aquele utilizado pelos autores consultados (ou seja, não separamos as *funcionais* das *lexicais*, *governadas* das *não-governadas*, *locativas* das *obrigatórias* etc.). Evitando a tarefa de categorizar a preposição de modo a colocá-la no conjunto das palavras lexicais ou funcionais, Kleppa (2005a) adotou a Hipótese da Gramaticalização e classificou as preposições de acordo com o seu grau de gramaticalização, dispondo-as num *continuum* numa abordagem sincrônica. Os critérios que estabelecem os graus de gramaticalização das preposições analisadas são (i) sua frequência na língua; (ii) a possibilidade de amalgamar-se com outro item lingüístico; (iii) seu valor semântico; (iv) sua distribuição sintática. Segundo a autora, as preposições mais gramaticalizadas são

muito freqüentes, podem ser contraídas com outros itens lingüísticos, não são semanticamente auto-suficientes (ou seja, são semanticamente indeterminadas), e introduzem tanto argumentos como adjuntos, enquanto as preposições menos gramaticalizadas são menos freqüentes, sempre mantêm a mesma forma, possuem um valor semântico identificável e específico, e são apenas introdutoras de adjuntos. As seguintes preposições são consideradas mais gramaticalizadas: **de, em, para, a, com** e **por**. As preposições menos gramaticalizadas são **até, sobre, entre, contra** e **sob**.

Pretendemos examinar se as seguintes variáveis nos demonstram comportamentos de preposições diferenciados na fala de R, MS e OJ:

- preposições mais e menos gramaticalizadas
- preposições introdutoras de argumentos e adjuntos
- dados de fala espontânea e situação de experimento na fala afásica

Por fim, pretendemos comparar o comportamento das preposições ligadas a verbos na fala de sujeitos afásicos e de uma criança para tecer considerações sobre a relação do falante com sua língua materna, a linguagem enquanto objeto de conhecimento e a capacidade do interlocutor de interpretar a fala heterogênea da criança ou do sujeito afásico com agramatismo.

5. PREPOSIÇÕES NA FALA ESPONTÂNEA DE R, MS E OJ

Resumindo, se tomarmos as preposições que os três falantes examinados produziram nos mesmos contextos sintáticos nas sessões em que foram gravados fazendo uso da fala espontânea, notaremos uma enorme diferença quantitativa, mas não qualitativa. Exceto por duas preposições (**a** e **contra**), os sujeitos afásicos produziram as mesmas preposições, ligadas aos mesmos verbos e papéis temáticos que a criança nos mesmos contextos sintáticos. Esta constatação confirma a hipótese de que a criança e o sujeito agramático movem-se na mesma língua.

A criança, contudo, produz algumas seqüências não observadas na fala dos sujeitos agramáticos MS e OJ. Ela

- Recorta unidades lingüísticas de forma inesperada (*Tá só de saia? Tá só de.*)
- Não contrai/contrai a preposição com outro elemento lingüístico (*começar por o do café! chegou na Araraquara*)
- Apresenta concordâncias divergentes (*pensando numa coissas/ no buraquinha*)
- Repete preposições (*deixa eu acabá del de fazê assim, de contá*)
- Combina duas preposições (*o cabelo dela bate até no chão*)
- Produz preposições excedentes (*ocê falô de mal de mim*)
- Substitui preposições (*vamo continuá de brincá*)

6. SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS

Pesquisas desenvolvidas no âmbito da Teoria da Adaptação observaram uma certa variabilidade do uso da ‘fala telegráfica’ de acordo com a situação em que o sujeito agramático se encontrava: ela aparecia mais freqüentemente em situações de fala espontânea que em situações de fala elicitada. Propusemos jogos de linguagem aos sujeitos, que chamamos aqui de *experimentos*. Os dados de fala espontânea de MS e OJ somam aproximadamente uma hora para cada sujeito, e os de situações experimentais também. Se somarmos os tempos que MS e OJ levaram para completar as tarefas propostas nos experimentos de que os dois sujeitos participaram, temos que MS precisou de 1:12’43” (uma hora, doze minutos e quarenta e três segundos) e OJ precisou de 1:04’23” (uma hora, quatro minutos e vinte e três segundos). Temos então, tempos de fala compatíveis para comparar a produção de preposições ligadas a verbos na fala espontânea de MS e OJ e quando estes sujeitos estão envolvidos em situações experimentais. Tanto MS como OJ participaram dos seguintes experimentos:

Completando provérbios. Este experimento consistia de uma lista de 34 provérbios retirados de um jogo de adivinhação de provérbios chamado *Quem sabe... sabe!* lançado pela *Pais & Filhos*. A aplicação do experimento se deu de tal forma que Ilk falava parte do provérbio, esperando que o sujeito o completasse (Cada macaco?). Se ele não conseguisse completar o provérbio, ela lhe diria as palavras seguintes do provérbio (no seu?).

Julgamento de gramaticalidade. 52 sentenças retiradas de Novaes Pinto (1992) foram apresentadas oralmente a MS e OJ, para que julgassem a sua aceitabilidade. Foi dito aos sujeitos que atentassem para a formação da frase, não para a veracidade dos fatos (como aconteceu em 20, quando MS rejeitou a sentença porque não correspondia à verdade). MS precisou de 7'03" (sete minutos e três segundos) para julgar as sentenças que lhe foram apresentadas oralmente, ao passo que OJ precisou de 10'47" (dez minutos e quarenta e sete segundos). A diferença de tempo pode ser explicada pelo fato das entrevistadoras insistirem constantemente que OJ reavaliasse seus julgamentos de gramaticalidade.

Experimento do mapa. O mapa de uma cidade imaginária foi confeccionado numa cartolina e lápis de cor. Nesta cidade havia vários estabelecimentos comerciais (padaria, banco, cinema, peixaria etc.) ruas e avenidas, semáforos e pontos de ônibus, que, num primeiro momento, foram identificados pelo sujeito afásico. Escritas em 10 cartões havia missões a serem cumpridas, como por exemplo, *sacar dinheiro*, *postar uma carta* ou *comprar remédio*. Eles precisariam decidir para qual estabelecimento ir e com que meio de transporte. Além de poderem optar por ir a pé, escolhendo uma figura de um homem, os sujeitos podiam escolher um dentre os seguintes meios de transporte: um ônibus amarelo, um carrinho de corrida branco e uma bicicleta cor de rosa. Ao fim de uma missão, podiam trocar de meio de transporte para completar a missão seguinte.

Jogo dos erros. De uma revista do Sítio do Pica-Pau Amarelo foram recortados quatro pares de figuras. Todas as figuras foram coloridas a lápis de cor, de maneira que as cores eram elementos de diferenciação entre as figuras. Além das cores e das diferenças existentes entre os desenhos, outros elementos foram introduzidos nas figuras, de modo que dois pares apresentam oito diferenças, outro tem dez e o último doze. Ilk era uma jogadora e o sujeito afásico outro. Cada jogador recebia uma figura e a descrevia até que encontrassem as diferenças dos dois desenhos, sem olhar na figura do outro. Desconsiderando o tempo em que as imagens foram comparadas abertamente e comentadas, OJ realizou o experimento em aproximadamente 9 minutos. Desta vez MS pre-

cisou de mais tempo que OJ para realizar um experimento. MS descreveu detalhes das figuras, fez várias brincadeiras, provocou várias digressões, inventou estórias para as cenas que descrevia e constantemente surpreendeu-se com o fato de enunciar nomes de cores e animais em inglês. Desconsiderando as comparações abertas das duas imagens e as conversas que giraram em torno das línguas que MS queria usar ao invés de português para descrever as figuras, MS precisou de 27'40" (vinte e sete minutos e quarenta e sete segundos) para realizar o experimento.

Jogo dos monstros. Oito pares de monstros compõem um jogo de 16 cartas. Um par de monstros é composto por um macho e uma fêmea com características iguais: cinco mãos, dois narizes, três olhos, orelhas nas costas etc. As cartas eram distribuídas entre Ilk e um dos sujeitos afásicos e o objetivo era formar pares de macho e fêmea de uma mesma espécie de monstro, através da descrição de suas características corporais. Além de descrever o número de orelhas, olhos, mãos etc., era preciso descrever a posição destes órgãos no corpo do monstro. MS precisou de 11'30" (onze minutos e meio) para realizar o experimento, ao passo que OJ precisou de 18 minutos para achar os pares de monstros (demorou a entender o que era esperado dele, teve dificuldades para segurar as cartas numa mão só, fez longas pausas à procura de palavras devido à sua anomia e todas as suas contagens passavam por todos os números entre 1 e o número alvo: *um, dois, três, quatro, cinco, seis. Seis braços*).

Apenas MS participou dos seguintes experimentos, porque envolviam atividades de leitura, que são um problema para OJ que apresenta alexia:

Cartões com verbos. O experimento de cartões com verbos foi inspirado num modelo terapêutico desenvolvido por Webster, Morris & Franklin (2005). A MS foram apresentados 32 cartões, sendo que em cada cartão havia escrito um verbo em sua forma infinitiva no centro e perguntas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Quem mais?) ao redor dele. Os verbos foram escolhidos de acordo com o seu número de valências, variando entre zero e quatro. A tarefa de MS era formar uma frase oralmente, usando as

informações dispostas no cartão. As perguntas deveriam auxiliar MS no preenchimento da grade argumental dos verbos, mas só o confundiram. Conforme avançávamos com o experimento, as perguntas foram sendo ignoradas, mas a partir do décimo cartão MS voltou a tentar incorporar os advérbios de pergunta em suas sentenças, e a dificuldade de formar perguntas o frustrou. Em certa altura do experimento, MS começou esporadicamente a cantar uma canção que contivesse o verbo escrito no cartão. Desconsiderando as digressões e perguntas sobre as músicas, compositores e preferências musicais de MS, mas considerando as pausas, dúvidas e comentários de suas interlocutoras, o experimento durou 22'40" (vinte e dois minutos e quarenta segundos).

Montando frases com cartões. Este experimento foi inspirado num modelo terapêutico de retenção verbal proposto em Van de Sandt-Koenderman, Bonta, Wielaert & Visch-Brink (1997). MS foi solicitado a formar uma sentença completa com cartões de tamanhos e formatos diferentes. Os mesmos verbos utilizados no experimento anterior estavam escritos (no infinitivo) em cartões redondos e verdes. A partir deles as sentenças eram organizadas. Os sujeitos da sentença eram 15 figuras recortadas de revistas, que apresentavam uma pessoa (em dois cartões havia duas pessoas). Os objetos da sentença igualmente eram figuras recortadas de revistas. No total, eram 32 figuras, das quais 5 representavam animais, 2 plantas, 4 comidas e bebidas, 4 meios de transporte e os restantes 17 representavam bens de consumo. As palavras funcionais estavam escritas em cartões (6 determinantes em cartões vermelhos e 14 preposições em cartões triangulares e vermelhos). O objetivo era que MS montasse uma sentença com as imagens e palavras que tinha à disposição. Depois de montada a sentença, Ilk repetiria a sentença completa e viraria os cartões das palavras funcionais para que MS reconstituísse a sentença. Os participantes estiveram focados na tarefa de montar frases e assim não aconteceram muitas digressões durante o experimento que durou aproximadamente 38 minutos. Contudo, é preciso lembrar que o manuseio dos cartões demandou muito tempo dos jogadores, especialmente de MS, que tem hemiplegia.

7. PREPOSIÇÕES NA FALA DE MS E OJ: FALA ESPONTÂNEA X SITUAÇÃO EXPERIMENTAL

Foi feita uma diferenciação entre os tipos de dados, decorrente da metodologia aplicada para sua coleta. Assim, a fala espontânea dos sujeitos com agramatismo foi analisada separadamente da fala produzida por eles em situações experimentais. Consideramos esta separação muito importante, porque evita que façamos generalizações inapropriadas a partir de observações pontuais realizadas num determinado contexto de fala. Apesar dos nossos experimentos não serem testes de avaliação de linguagem, gostaríamos de reforçar que dados de fala coletados em situação de teste não têm o mesmo caráter que dados de fala coletados em situação de interação informal (por mais que a presença da câmera, a pouca familiaridade com a interlocutora e o espaço desconhecido sejam inibidores de uma 'fala natural'). Na literatura consultada, apenas os autores que colaboraram para a formulação da Teoria da Adaptação tiveram o cuidado de discernir dados coletados em conversa espontânea de dados coletados em situação de teste, analisando ambos separadamente. Outros autores ou misturam seus dados coletados em situação de conversa informal com os coletados em situação de experimento, ou se especializam num tipo de dados.

A diferenciação de situações de fala também permite que contrastemos as preposições produzidas em situação de fala espontânea com as produzidas em situação experimental (nossos jogos), que, segundo as previsões da Teoria da Adaptação, deveriam aparecer em quantidades diferentes.

		MS	OJ
Conversa espontânea	Argumentos	12	-
	Adjuntos	11	18
Experimentos em comum	Argumentos	3	1
	Adjuntos	18	24
Experimentos a mais de MS	Argumentos	17	-
	Adjuntos	21	-

Comparando a conversa espontânea com situações experimentais em que os sujeitos não precisavam ler, podemos notar que a diferença entre os números de preposições produzidas pelos sujeitos é desprezível (MS produziu mais preposições introdutoras de argumentos na fala espontânea que nos experimentos de que OJ também participou, o que pode ser explicado pelo tipo de informação exigida nos experimentos). Podemos concluir que as situações de experimento em que tanto MS quanto OJ foram colocados não provocaram grandes mudanças na sua fala: seguiram usando a fala reduzida, já que o tom do diálogo continuou sendo informal.

Se atentarmos para os experimentos que apenas MS realizou, temos um outro panorama. Podemos notar que o número de preposições enunciadas por MS em situações experimentais que envolviam a palavra escrita e a estrutura da sentença explicitada é significativamente maior que o número de preposições produzidas em situação de conversa espontânea.

Agora podemos afirmar que a fala reduzida é uma questão de opção para MS. Quando envolvido em conversas informais, prefere adaptar-se às suas dificuldades de participar de um diálogo em tempo aceitável para o seu interlocutor, produzindo a fala reduzida. Nas situações de conversa informal, pode delegar grande parte da tarefa de interpretação à sua interlocutora, confiando que partilham do mesmo conhecimento durante a interação. Nas situações de experimento, o sujeito assume o compromisso de cumprir as tarefas que lhe são propostas. As tarefas exigem, em grande parte, que enuncie sentenças completas (com verbo finito e ordem SVO). Especialmente no experimento de montagem de frases, o espaço da preposição era visível e evidente, o que fez com que MS produzisse mais preposições que, por definição, são raras na fala reduzida. Em suma, podemos dizer que MS não apenas se adapta às suas dificuldades, mas também à situação de enunciação.

OJ, por sua vez, manteve um número semelhante de preposições na fala espontânea e nas situações experimentais, sendo que em nenhum dos dois contextos enunciativos produziu preposições introdutoras de argumentos do verbo. OJ parece não ter a

opção de se adaptar às suas dificuldades lingüísticas ou à situação de fala: sua adaptação é compulsória. OJ fez da fala reduzida seu principal meio de comunicação, e os números na *Tabela 2* evidenciam que 85,5% de sua fala é não-finita e que 17,3% (44 *hanging topics* não-finitos + 12 TC finitos em 324 ‘sentenças’) de sua fala é organizado em termos de tópico-comentário.

Por fim, quando comparamos as preposições enunciadas por MS e OJ em situações de fala espontânea e de experimento, poderemos constatar que os sujeitos (i) preferem as mais gramaticalizadas; (ii) tendem a usar o mesmo repertório de preposições nas duas situações de fala e (iii) tendem a usar as mesmas preposições para marcar as mesmas relações. Esta observação nos leva a concluir que as preposições não estão *perdidas* da fala dos sujeitos agramáticos, e que eles não são negativamente sensíveis a palavras funcionais (apagando-as de sua fala), mas positivamente sensíveis a palavras de alta frequência na língua (usando, assim, preposições mais gramaticalizadas).

8. PALAVRAS FINAIS

Consideramos que a grande contribuição desta tese para a Neurolingüística foi analisar os *dados de fala* de dois sujeitos agramáticos com um ferramental teórico que não pressupõe que os dados de fala agramática sejam uma janela direta para a lesão cerebral, mas resultado de uma atitude do falante em relação à sua fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.
- BEEKE, S., WILKINSON, R., MAXIM, J. Individual variation in agrammatism: a single case study of the influence of interaction. **International Journal of Language and Communication Disorders**. 42, 2007b.p. 629 – 647.
- CASTILHO, A. T., ILARI, R., ALMEIDA, M. L. L., KLEPPA, L., & BASSO, R. M. Capítulo sobre a Preposição - a sair na coleção Gramática do Português Falado Culto no Brasil. In: Maria Helena de Moura Neves & Ataliba Castilho. (Org.). **Gramática do Português Falado Culto no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp.

- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, 2002. p. 41 – 69.
- FONSECA, S. C., LANDI, R. Questões sobre a correlação entre estágios de aquisição da linguagem e estados afásicos. Trabalho apresentado no 6º. ENCONTRO NACIONAL DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM em Porto Alegre pelo DERDIC/PUCSP, 2003.
- HAARMANN, H. J., KOLK, H. H. J. A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity. **Cognitive Science**, 15, 1991a, p. 49 – 87.
- _____. Syntactic priming in Broca's aphasics: evidence for slow activation. **Aphasiology**, 5, 1991b, p. 247 – 263.
- HEESCHEN, C., SCHEGLOFF, E. A. Agrammatism, adaptation theory, conversation analysis: on the role of so-called telegraphic style in talk-in-interaction. **Aphasiology**, 13, 1999. p. 365 – 405.
- HOFSTEDÉ, B. T. M. **Agrammatic speech in Broca's aphasia: strategic choice for the elliptical register**. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.
- KLEPPA, L. **Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem – ou – “Vamo de a pé no carro do vovô?”** Dissertação de mestrado, Campinas: IEL/UNICAMP, 2005a.
- _____. A forma da preposição na fala de uma criança. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, 5, 2005b. p. 1 – 21.
- _____. Preposições mais gramaticalizadas em dicionários escolares. **Veredas On Line**, 1, 2008, p. 112 – 128.
- KOLK, H. Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception. **Brain and Language**, 101, 2007. p. 99 – 102.
- _____. How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia. In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) **The syntax of nonsententials**. Linguistik Aktuell, 93 John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 229 – 258.
- _____. Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. **Brain and Language**, 77, 2001b. p. 340 – 351.
- _____. Syntactic impairment is the bottleneck to communication in nonfluent aphasia. **Aphasiology**, 15, 2001a. p. 381 – 385.

- _____. A time-based approach to agrammatic production. **Brain and Language**, 50, 1995. p. 282 – 304.
- KOLK, H., HEESCHEN, C. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. **Aphasiology**, 4, 1990. p. 221 – 232.
- _____. Agrammatism, paragrammatism and the management of language. **Language and Cognitive Processes**, 7, 1992. p. 89 – 129.
- _____. The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop. **Aphasiology**, 10, 1996. p. 81 – 96.
- KOLK, H., HELING, G., KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: two case studies. In: L. MENN & L. K. OBLER (Eds.) **Agrammatic aphasia**. John Benjamins Publishing Company, 1990.
- KOLK, H., HOFSTEDE, B. T. M. The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker. **Brain and Language**, 47, 1994. p. 505 – 507.
- KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. **Cognitive Neuropsychology**, 2, 1985. p. 347 – 384.
- KOLK, H., VAN GRUNSVEN M., & KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: M. L. KEAN. **Agrammatism**. London: Academic Press, Inc., 1985. p. 165 – 206.
- MORATO, E. M. (Org.), TUBER, A. L., SANTANA, A. P., DAMASCENO, B., SOUZA, F. F., MACEDO, H. O., CAMERIN, I. M. D. P., TONEZZI PEREIRA, J. A., COUDRY, M. I. H. **Sobre as afasias e os afásicos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- NOVAES PINTO, R. C. **Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem**. Dissertação de mestrado, Campinas: IEL /UNICAMP, 1992.
- _____. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese de doutorado, Campinas: IEL/UNICAMP, 1999.
- WEBSTER, J., MORRIS, J. & FRANKLIN, S. Effects of therapy targeted at verb retrieval and the realisation of the predicate argument structure: A case study. **Aphasiology**, 19, 2005. p. 748 – 765.
- VAN de SANDT-KOENDERMAN, W. M. E., BONTA, E., WIELAERT, S. M., & VISCH-BRINK, E. G. Stimulating sentence production in agrammatic patients: the effect of the visual Cue Programme on Spontaneous Speech. **Aphasiology**, 11, 1997. p. 735 – 759.